



PSICANÁLISE

Ana Cláudia dos Santos Meira

A escrita científica no divã

*Entre as possibilidades e as dificuldades para
com o escrever*

3ª edição

Blucher

A ESCRITA CIENTÍFICA NO DIVÃ

*Entre as possibilidades e as
dificuldades para com o escrever*

3ª edição

Ana Cláudia dos Santos Meira

A escrita científica no divã: entre as possibilidades e as dificuldades para com o escrever

© 2007 Ana Cláudia dos Santos Meira

1ª Edição - Editora Edipucrs

2ª Edição - Editora Sulina, 2016

3ª Edição - Editora Blucher, 2023

Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Jonatas Eliakim

Produção editorial Kedma Marques

Diagramação Erick Genaro

Capa Laércio Flenic

Preparação de texto Samira Panini

Revisão de texto Bárbara Waida

Imagem da capa Bruna Tais de Souza, @ateliedomato

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme
5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua
Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras,
março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por
quaisquer meios sem autorização escrita da
editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard
Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação
na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Meira, Ana Cláudia dos Santos

*A escrita científica no divã: entre as
possibilidades e as dificuldades para com o
escrever* / Ana Cláudia dos Santos Meira. – 3. ed.
- São Paulo: Blucher, 2023.

274 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-453-7 (impresso)

ISBN 978-65-5506-449-0 (eletrônico)

1. Escrita - Aspectos psicológicos 2. Psicanálise
e literatura I. Título

22-4984

CDD 150.195

Índices para catálogo sistemático:

1. Escrita - Aspectos psicológicos

Conteúdo

A escrita psicanalítica no divã: uma experiência estética...	11
Carta para o livro	17
Carta ao leitor em 2007	23
Carta ao leitor alguns anos depois...	29
Carta ao leitor hoje	33
Sobre o percurso deste trabalho	37
Parte I. Dificuldades e possibilidades para com o escrever	45
1. A escrita como um exercício do narcisismo	47
2. A escrita como um exercício de autoria	103
Parte II. A escrita psicanalítica: uma possibilidade	139
3. Qual a matéria-prima da escrita?	141
4. Como produzimos a escrita?	149
5. Quais os objetos de nossa escrita?	181
6. Quais os objetivos da escrita?	209
7. A escrita de casos clínicos em psicanálise: estudo de caso, descrição, história ou narrativa?	249
De volta ao café com algumas descobertas	257
Referências	265

Parte I. Dificuldades e possibilidades para com o escrever

À medida que penetramos no vasto terreno que circunda a escrita, damos-nos conta de que as mesmas condições que abrem possibilidades para com o escrever podem acabar por definir as dificuldades e os entraves dele. Entre essas condições, a gratificação narcísica se destaca quando produzimos um material de qualidade. Aqui se imprimem alguns interrogantes que nos demandam pensar: se escrever dá conta de suprir nossas necessidades pessoais de reconhecimento e valor, por que tantas pessoas desgostam dessa atividade? Que dinâmica exatamente se atravessa no livre exercício do escrever? Por que recobrimos o escrever com tantas resistências? Para onde a escrita deveria levar-nos?

1. A escrita como um exercício do narcisismo

A relação entre a escrita e o narcisismo veste-se com muitas roupas, mas um aspecto fica claro: a natureza de nosso narcisismo qualifica o texto e a relação com essa atividade. Reconhecemo-nos e somos reconhecidos pela produção e pela apresentação de textos científicos. Em que ponto, então, o que poderia ser aproveitado como um recurso de satisfação reveste-se de um carácter negativo, ameaça e desestabiliza nosso equilíbrio narcísico? Talvez quando não lidamos bem com algumas condições que a escrita nos impõe.

1.1. Uma condição de imperfeição

*Por que escrevo eu este livro?
Porque o reconheço imperfeito.
Calado, seria a perfeição;
Escrito, imperfeição-a-se;
Por isso, o escrevo.*

Fernando Pessoa

Se, de uma forma, a escrita nos *alimenta* o narcisismo, de outra, ela o desestabiliza. Um dos aspectos que dificultam o processo da escrita é a necessidade de aceitarmos algumas imposições da realidade interna e externa: o texto escrito, apresentado e publicado, não aceitamos que seja mediano; ao contrário, tratamo-lo conforme os padrões de ideal de eu (Freud, 1914). Exigimos dele a representação de toda a perfeição e nos ferimos pessoalmente se ele não faz jus ao que avaliamos ser nossa capacidade.

Essas aspirações terão uma variação na mesma medida em que nosso narcisismo está constituído: mais positivamente, ou de forma mais frágil. Se do texto esperamos a função de completar nossa estruturação narcísica, teremos a expectativa de que ele se firme com perfeição. Não obstante, tal anseio logo se mostra ir-realizável, e nos traz uma sucessão de problemas que se impõem. Então, a medida de tal substituição – do narcisismo primário pelo texto – depende de não dependermos dele unicamente, pois logo descobrimos que poucos de nossos trabalhos alcançarão tamanha idealização, forçando-nos a equiparar uma ilusão onipotente de realização à realidade daquilo que somos, de fato, capazes de efetuar com qualidade. Assim, o texto terá direito à existência como seja: incompleto, imperfeito. Não quero dizer com isso que podemos aceitar textos medianos; devemos perseguir o *melhor* texto, o que é diferente de querer fazer o texto *perfeito*.

A escrita desacomoda-nos de qualquer posição mais cômoda que pretendamos manter. Por ela, somos constantemente desafiados por um estado de não saber, de indefinição e de incerteza que nos coloca em uma posição difícil, acostumados que estamos a ter domínio das situações. A tolerância e a paciência na escrita são, acima de tudo, um exercício de renúncias que se efetua em vários níveis: não sabemos tudo, não abarcamos toda a teoria, não esgotamos o assunto, não lemos todos os autores, não examinamos todos os

pontos, não escrevemos tão bem como gostaríamos, não sabemos o que escrever, nem por onde começar nem como organizar – esta sequência de *nãos* marca nossas falhas, a falta. É assim que a escrita tanto desafiara como ferirá nosso narcisismo.

Desejamos a perfeição na escritura, mas o texto insiste em apontar, passo a passo, a impossibilidade da realização de tal anseio, já que ele delata nosso desconhecimento, em primeiro lugar a nós mesmos; depois, mostrá-lo ao outro deflagra ainda mais a exposição de tudo aquilo que nos falta. A ambição narcísica de parecer perfeito para esse outro que nos espreita dá voz ao propósito de sermos aprovados, de exibirmo-nos, sermos bajulados e triunfar.

Por vezes, deparamo-nos com a frustração de não termos um estilo definido; pelo menos não aquele que gostaríamos. O que se poderia nomear como *nosso estilo* é quadrado demais para nosso gosto, quadrado demais para nossa expectativa. Está contaminado pelo que aprendemos na escola, na faculdade, nos lugares onde trabalhamos. Gostaríamos de escrever um texto redondo, fluido, limpo, envolvente, criativo, original, substancioso... adjetivos não nos faltam. Mas não é o que sai. Algum tipo de exigência, contudo, parece requerer que assim se cumpra: que se escreva de tal ou qual jeito, o que pode nos impedir de – simplesmente – escrever.

O desejo de perfeição pode chegar a tal ponto que equivale a uma censura, pois paralisa o eu e o impede de levar a termo o processo de escrita, sem o texto sequer ter sido levado a público. Assim, idealizamos a nós mesmos, nutrindo a crença de que poderíamos executar um plano perfeito, tamanha nossa capacidade! Tal perfeccionismo, no entanto, delata, na verdade, a exigência de uma estrutura narcísica que não aceita reconhecer um objeto imperfeito ou inacabado e que vocifera por correções. O escrito é prova da impossibilidade de tal aspiração, pois raramente teremos

em mãos um texto com tanta qualidade a ponto de dispensar qualquer modificação.

Oliveira-Cruz (2001) *brinca* com a situação: “nem todos portamos os ‘genes’ de um Érico. Tudo bem, a gente se vira como pode: a gente torce, retorce, risca e rasga uma quantidade de folhas que fariam corar qualquer ecologista. Mas uma coisa é certa: boa vontade não nos falta” (p. 12). Vamos em frente, com imperfeições e tudo o mais!

Assis Brasil (2003) identifica uma grande semelhança entre os processos da escrita psicanalítica e da escrita literária, em especial no aspecto de que nossos componentes narcísicos são gratificados com uma publicação, que acontece no texto literário também. Ele, porém, chama a atenção para algo:

Se o texto deriva exclusivamente deste nosso desejo de preencher nossas belezas, ele normalmente não chega a nada; e também no texto literário, não chega a nada. Por isso, às vezes, as pessoas me buscam para dizer: “Eu escrevo para desabafar”, e eu pergunto: “Mas que culpa tem o leitor?”. Na medida em que o texto é apenas uma viagem pessoal, ele normalmente não leva a nada.

Com essa ilustração, ele diz de um uso – ou de um mau uso – da escrita para tentar dar conta de algo que narcisicamente falta. Um autor que escreve somente para si mesmo, a partir de uma necessidade unicamente narcísica, subiu no palco da exibição vazia e talvez não se mantenha lá por longo tempo. Isso parece mais dizer de uma impossibilidade de ver-se e de ser visto como incompleto, uma vez que toma sua produção teórica como uma extensão de si. Situações assim não são raras. Algumas pessoas escrevem e se apresentam para *ter ibope*, para ter audiência, e, assim, perdem a ligação com seus leitores ou seus ouvintes – função da escrita. O autor que assim

o faz evita ou nega suas faltas ou carências; para quem assiste, elas estão ali, às vezes bastante evidentes.

Se a imagem idealizada de nós mesmos atrapalha, a idealização do processo de escrita também. Imaginamos que se nasce – ou não se nasce – com o talento para as letras e, com esta certeza em mente, furtamo-nos de desenvolver tal habilidade. Achar que apenas escreve quem foi agraciado com um dom divino nos protege de nos colocarmos a postos para a escrita e, da mesma forma, de trabalharmos por um texto de maior qualidade, o que implica escrever, ler, corrigir, reler, arrumar... Bem diferente do que imaginamos, até os maiores e melhores escritores – Freud entre eles – têm de passar por tudo isso.

Criamos e acreditamos, até com certa inveja, na fantasia de que quem escreve o faz com facilidade – senta e escreve! –, mas, afinal de contas, de onde tiramos essa ideia? Tal ilusão pode estar dando voz à expectativa narcísica para conosco; isso significa que, se alguém pode escrever sem qualquer esforço, também poderemos, se assim desejarmos. Pois uma dupla decepção logo se apresenta: nem a eles, nem a nós a escrita se oferecerá com facilidade. Escrever é *sempre* trabalhoso. Então, mais uma descoberta: a escrita nossa de cada dia não é o produto final. Pelo contrário: está bem longe do que será o texto pronto. Precisamos nos acalmar.

Mais do que a triste, mas inevitável descoberta da imperfeição do trabalho, temos de suportar a dor narcísica de a escrita não nos escorregar das mãos para o papel, de estarmos representados por um texto que não nos faz justiça, de as ideias não saírem com a clareza que pretendíamos. Pretensão: é o espaço entre o que cobizamos e o que se nos apresenta. Ela é tão grande quanto deve ser a capacidade de tolerar a labuta da escrita que se inscreve, reescreve e aperfeiçoa a muito custo.

Menezes (1994) descreve a dura constatação de descobrir o texto como ele realmente é, e não mais como magicamente imaginamos.

Quando começa a pensar no texto – ele mesmo, como escritor –, surpreende-se “tendo acessos imaginativos, às vezes loquazes e pretensiosos, inflados” (p. 38). Faz algumas anotações, mas, chegada a hora em que o texto se apresenta no papel, “confrontadas as exigências de racionalidade e de forma impostas pela escrita, as ideias não tardam em ficar bem mais humildes” (p. 38). É a vivência de possivelmente qualquer pessoa que se tenha aventurado no registro de vívidos pensamentos, de grandes ideias, de interessantes acontecimentos, de inéditas descobertas, de ambiciosas impressões. Quando transportados para a lauda, já não são *tudo isso*.

O fato que se impõe é que esse processo de desidealização é tão difícil como necessário. Para Machado (1989), é somente depois de uma página efetivamente escrita que podemos constatar a qualidade de seu conteúdo, da forma da própria escrita, e trabalhar nela. “Antes de escrever uma página, há apenas uma página maravilhosa e tirana, ideal inatingível, sem cujo *assassinato* aquela página que de fato podemos escrever permanece na ordem do não realizado” (p. 166, grifo meu). A expressão *assassinato* usada pela autora pode parecer forte demais, mas é para conseguir transmitir a intensidade e a dificuldade dessa experiência. “Para quem exerce o ato de escrever, a cada letra é seu sangue que escreve, suportando a ferida narcísica ocasionada pela morte do texto maravilhoso que poderia ter escrito, e nunca escreveu nem escreverá” (Machado, 1989, p. 163). Para um escrito ganhar vida, é preciso aceitarmos o que a autora define como a destruição deste escrito idealizado que *poderíamos* ter executado, para escrever aquilo de que somos capazes e da forma como somos capazes – um texto na medida do que podemos e do que sabemos.

Gutfreind (2009) descreve o mesmo drama:

O que realmente horroriza é . . . escrever palavras, mas palavras ruins, textos inferiores à sua própria capacidade.

Você tem medo de esmigalhar sua ideia redigindo-a de maneira medíocre. Claro que pode e deve reescrevê-la, consertar as falhas mais evidentes e até cortar partes inteiras de um romance e voltar a começar. Mas uma vez que delimitou sua ideia com palavras, você a manchou, puxou-a para a tosca realidade, e é muito difícil tornar a ter a mesma liberdade criativa de antes, quando tudo voava pelos ares. Uma ideia escrita é uma ideia ferida e escravizada a uma certa forma material: por isso dá tanto medo sentar-se para trabalhar, porque é uma coisa de certo modo irreversível (p. 31).

Por sua descrição, vemos que, se começar o escrito já não é fácil, o trabalho de revisão do texto é um momento pontual de resistência, e isso acontece porque nos põe na posição de imperfeição e de incompletude que, por tanto tempo, lutamos por negar. Dentre as renúncias, perceber a falta de algo quando relemos o texto é um ponto difícil de ser tolerado, pois, neste caso, não precisamos cortar, mas acrescentar algo que faltou. Não é raro deixarmos frases incompletas ou expormos informações insuficientes sobre o fenômeno de que tratamos. As ideias estão completas em nossa cabeça, temos o conhecimento da história inteira, mas, ao migrar para o papel, malogramos em dar ao leitor tudo de que ele necessita para compreender as ligações feitas no trabalho escrito. Não nos damos conta disso e achamos que o leitor entenderá. Quando, com certa indignação, nos perguntamos “Como é que ele não compreendeu?”, talvez isso revele uma falta de discriminação com o texto e com o leitor. Dito de outro modo, se sentimos o texto como uma extensão narcísica, não conseguimos nos distanciar e vê-lo a partir da perspectiva do leitor, e não da nossa.

Gerber (2002) trata do caráter narcísico ao ilustrar que, na escrita, dividimo-nos entre os papéis de diretor e montador: “É difícil ser editor de si mesmo, cortar a carne mais além da gordura, quando se tem (ou se imagina ter) tantas belas ideias, conexões com tantas outras, citações infinitas, notas de rodapé que se autorreproduzem numa vertigem de abrangência e totalidade: a obra definitiva!” (p. 212). Mas ele alerta: se recusarmos esse papel *autoeditorial*, ele será assumido pelo leitor, que irá cortando parágrafos, pulando páginas e lendo somente aqueles trechos que julga que a obra merece.

Ao identificarmos uma falha, a sensação é de angústia, inquietação e desagrado, já que *ter* de mexer no texto nos impõe a prova de que somos incompletos como um todo. A falta de paciência de ler o texto mais e mais vezes – antes de dá-lo por encerrado – pode revelar motivações de outras ordens, exatamente em nosso narcisismo. A revisão coloca-nos na posição de ter de arrumar, corrigir, completar, desmentindo a ilusão narcísica de perfeição, de que o texto está pronto, acabado e com a qualidade almejada. Ilusões, ilusões...

Além disso, a ideia enganadora sobre a necessidade de esgotar a bibliografia disponível acerca de determinado tema por meio da leitura de um sem-número de livros e artigos também serve à resistência, pois ocupamos mais tempo lendo – em uma atitude mais passiva – e menos tempo escrevendo – em um lugar de maior atividade. Essa dedicação à leitura deve ceder lugar à compreensão de que trabalhar profundamente sobre o assunto requer mais qualidade do que quantidade. Nesse sentido, é mais produtivo ler e reler com cuidado *alguns* textos do que realizar leituras rápidas e superficiais de um *excesso* de textos, o que aumentará, sem dúvida, o número de referências citadas no final do trabalho; mas terá crescido quanto em seu corpo?

Temos uma ânsia, um furor, de colocar em nosso texto todos – ou quanto mais melhor – os autores que escreveram sobre o tema, os publicados, os não publicados, todos! Nosso objetivo com isso é que

nosso texto seja perfeito, extenso e abrangente; queremos que todos conheçam o que os autores escreveram, para compartilhar; queremos que vejam tudo o que lemos e descobrimos, pela necessidade narcísica de reconhecimento; não queremos *deixar furo*. Não queremos ou não podemos parar, e não conseguimos renunciar a nada. Não aceitamos meio trabalho. Desejamo-lo completo, absoluto, inteiro.

Esse mesmo anelo pode levar-nos a considerar que o texto não está bom o bastante: não podemos dá-lo por acabado, queremos ler mais, pesquisar mais, escrever mais, encher mais, e não podemos entregá-lo, pois suas falhas – melhor dizendo, nossas falhas – se revelarão. Somos engolfados por uma sensação de falta, de ineficiência, pois aceitamos somente a perfeição; a origem dessa sensação e do custo que é *liberar* um produto nosso como está, porém, é anterior à escritura do texto.

Texto quase pronto, passamos por vezes pela experiência de resistir aos incontáveis cortes a serem feitos. Temos mais trabalhos elaborados em nossa cabeça do que escritos no papel. Esse exercício de renúncias não é facilmente aceito por um eu que deseja aparecer, e por isso, a resistência em alijar partes do material escolhido para ilustrar o trabalho: é difícil decidir colocar *uma* parte do caso, *uma* parte do tratamento, *uma* parte da sessão, *uma* parte da teoria, apenas *uma* parte de qualquer elemento escolhido para nos acompanhar. Queremos segurar só com duas mãos todo o arsenal de informações, de dados, de conteúdo, de material que pensamos estar a nosso dispor. Além do desejo de mostrar tudo, o corte é de partes narcisicamente sentidas como pedaços nossos, por isso, inseparáveis.

Esse aspecto do *corte* é abordado por Elias Rocha Barros (1997), que explica: “Um escrito . . . implica sempre um trabalho de luto, uma aceitação de uma solução parcial, na medida em que implica a renúncia de todas as outras possibilidades potenciais” (p. 275). A renúncia, no entanto – ele enuncia –, faz parte da situação edípica

pela qual todos passamos; é uma aquisição fundamental em nossa vida e está na base de todo processo criativo. Produzir algo supõe, sobretudo, a capacidade de aceitar essas perdas.

Escrever nos impõe uma série de limites a serem respeitados: o número de páginas, o enfoque do trabalho, o número de autores referidos. Itens contradizentes com nossas aspirações onipotentes de completude. Na elaboração de um texto, são inúmeros os momentos em que teremos escolhas a fazer; escolhendo uma coisa, teremos de necessariamente renunciar a outras tantas.

As questões edípicas pontuadas por Rocha Barros parecem atravessar, da mesma forma, o embate firmado com a obrigatoriedade e o prazo de entrega do trabalho, quando inseridos em um curso formal. Nossa contrariedade ganha voz nas queixas e reclamações, no atraso na entrega e nos pedidos de adiamento. Talvez, além da questão narcísica, nos deparemos aqui com uma revivência das disputas travadas no Édipo: as instituições de ensino e de formação nos impingem obrigações, padrões, a lei, o interdito. É também a ação do princípio de realidade que nos confronta com a impossibilidade de vivermos sob o reinado do princípio do prazer, com a máxima de que não podemos fazer tudo, ou não podemos fazer nada. Temos prazos a cumprir, normas a obedecer, imposições objetivas e leis que não podem ser burladas. Mas nós nos queixamos e protestamos.

Não é difícil observarmos que, no mês de entrega do trabalho, o clima da instituição é de alvoroço e tensão! Um nível elevado de pressão e angústia transforma um texto de 15 ou 20 páginas em fonte de intenso sofrimento. Muitos acabam por escrever somente pela obrigatoriedade e, quando estão liberados da exigência do curso, nunca mais escrevem; é uma posição mais confortável do que poder reconhecer a escrita e o trabalho como algo que nos faz ingressar em outro estágio de desenvolvimento pessoal e profissional. Não

deve ser por nada que, quando pequenos, aprendemos a escrever apenas quando renunciamos às aspirações edípicas...

Se pudermos pensar em tudo o que de mais subjetivo acompanha esse processo, chegará uma hora em que faremos um esforço consciente de – exatamente – sentar e escrever!, simples assim. Se renunciamos à comodidade do princípio do prazer e do processo primário, nos quais nada incomoda e nada desacomoda, vamos de uma posição a outra, em frente, pois, ao escrever, ocupamos um lugar de atividade em contraponto a um estado de passividade no qual estávamos.

Francischelli (1995) mostra essa mudança de lugares com relação à clínica: da escuta passiva imposta pelo trabalho clínico, ganhamos atividade ao executar o texto. Em seguida, no entanto, a passagem da passividade para a atividade sofre nova reversão, quando, então, nos vemos submetidos às regras, às normas e ao processo de escrita, que não decorre simplesmente sem qualquer entrave. Este é mais um dos embates que se travam: mesmo que o trabalho não seja uma exigência curricular – porque, neste caso, estaremos mais uma vez na situação de passividade –, às vezes, não aceitamos nos submeter a etapas necessárias até que o texto esteja dado por pronto.

Esse mesmo trânsito por um lugar de passividade nos é imposto pelo desconhecimento e pela falta de domínio sobre o tema. Costa (1998) pontua: “Em qualquer versão que produzimos, estamos tanto numa posição de domínio, de atividade, de interpretação, quanto na posição de dominados, de passividade, de algo que nos escapa” (p. 11). Por isso, quando escrevemos, temos de reconhecer que algo sempre nos escapa e, antes da satisfação da posição de atividade sobre o fenômeno, nos confrontamos com tudo o que nos desmonta.

É difícil renunciar ao que escrevemos, deixar sair de dentro de nós e cortar, mexer no texto. Quando a avaliação é externa, se alguém a faz, sentimo-nos usurpados, porque aquilo que foi para o papel é um produto nosso. A comparação do escrito com um filho não se

esgota, pois com igual indignação nos afetamos quando alguém *ousa* corrigir ou criticar, e nos envaidecemos quando alguém gentilmente o qualifica – o filho ou o texto. Nos cursos de formação, quando os trabalhos são avaliados, as correções e sugestões são recebidas sob o signo da injúria narcísica.

Aceitar as correções (se elas fazem sentido) fala de uma capacidade, a saber: a de estarmos abertos ao (re)conhecimento de nós mesmos e de nossa produção. O outro, com seu exame, tem o poder de nos dizer de nosso trabalho. Não é fácil ter nosso texto “corrigido”, mas, se aproveitamos essa etapa posterior como uma troca promotora de crescimento, cresce nossa produção e crescemos nós. Quando um texto nosso é lido, o olhar do outro, normalmente, captura coisas que não tínhamos visto antes e confere outro sentido diverso ao que havíamos pensado. Por vezes, usamos formas evitativas de passar pelo enfrentamento de tal situação: ou não escrevemos; se escrevemos, não corrigimos; se corrigimos, não permitimos que outras pessoas vejam; se permitimos, não escutam.

Se essa reação divide espaço com uma sensação de “ofensa”, a correção do trabalho pode ser sentida como uma intromissão desrespeitosa daquele que vem apontar justamente para o que tentamos negar. Justificamo-nos, colocamos a culpa do que está escrito nos autores e não assumimos que o texto carrega falhas que lhe são, inclusive, inevitáveis. Não existe trabalho perfeito; unicamente em nossa fantasia, mas, às vezes, não queremos saber disso; queremos ser reconhecidos por aquilo que mostramos, esteja bom, médio ou ruim. Assim, não enxergamos o texto, só nossa necessidade de aprovação.

É um exercício valioso relermos nossos próprios textos, passado algum tempo de eles esquecidos. Nesse momento, além de percebermos coisas que já não enxergávamos mais – pois estávamos misturados com nosso texto –, podemos dar margem a novas construções, pois, depois de lançada a obra, já não somos mais seu dono

e, então, lemos como leitores. Abrimos mão da posse de algumas ideias, como um filho, que, chega um tempo, vai sozinho.

Para Paim Filho (2014), esse é um dos fascínios da aventura de escrever: despertar o espírito investigativo, curioso, bisbilhoteiro, intrometido. Quando, depois de algum tempo, lemos nossos textos, revisitamos nossas ideias como se não fossem nossas. Nesse momento, seremos nosso próprio interlocutor, criando novos sentidos e ressignificando antigas percepções. Dando asas à imaginação, “o exercício da escrita na vida de todo o psicanalista tem uma função potencializadora . . . , determinante nos destinos de sua análise terminável e interminável, da sua apreensão do conhecimento e da internalização de suas vivências clínicas” (p. 79).

Essa experiência de ressignificar o escrito pode acontecer também quando damos o texto para alguém fazer uma leitura crítica. Com essa disposição, colocamo-nos expostos para os melhores retornos, que nos dão outras ideias, que oferecem uma perspectiva de organização diferente para o texto. Se, ao contrário, recebemos críticas desanimadoras, até destrutivas, precisamos de alguns dias para readquirirmos o entusiasmo, pois a vontade que dá, na hora, é de desistir ou abandonar nossas tentativas.

Quando nos sentimos ameaçados pelo olhar do outro, não queremos que maculem nossas ideias, que compreendam mal nossas posições, que copiem nossas formulações, que distorçam nossas colocações. Queremos o texto como o entregamos. O narcisismo ferido por trás dessa angústia, no entanto, está na contracorrente do orgulho narcísico de termos nossos textos lidos, consultados e referidos. Contanto que esse movimento dinâmico entre tantas posições não se converta em um impasse, tudo bem.

No terreno entre nosso desejo de grandiosidade e as limitações que enfrentamos ao olhar para nosso trabalho pronto, outra complicação que se atravessa é uma ilusão da originalidade. Com essa

exigência, podemos ficar tomados por um sentimento de insatisfação. Quando estamos lendo e coletando o material teórico que comporá a fundamentação de nosso artigo, a sensação de que, no fundo, não estamos dizendo nada novo é confirmada pelo encontro com as mesmas ideias de tivemos em outros autores, já publicados. Não é raro nos questionarmos: “Mas o que eu vou escrever sobre o narcisismo, se tanta gente já escreveu?”. Fica parecendo que *original* teria que ser algo que nunca ninguém tivesse escrito. Ser original, contudo, é poder tratar, inclusive, de assuntos *batidos* com o foco de luz em outra parte menos iluminada, ou propondo novas costuras. Nossa contribuição será original quando for singular.

Se nosso texto não é uma mera síntese do que todo mundo já escreveu, saberemos que o conhecimento progride assim: por pequenas sínteses sucessivas que servem de ponto de apoio e, ao mesmo tempo, de alavanca para outra pessoa pensar outra coisa, e assim por diante. Criamos uma trama de conceitos, na qual o que temos talvez seja mais o novo no velho e o velho no novo.

Mezan (2003) lembra a declaração do próprio Freud sobre *A interpretação dos sonhos* – “uma intuição como esta só acontece uma vez na vida de um homem” – para pontuar a necessidade de adequar nosso ideal do eu e ter noção de que não somos tão inovadores; e, a não ser por nossas próprias aspirações grandiosas, nem precisamos ser.

A elaboração de Moschen (1997) parece responder a essa controvérsia. Ela registra a presença de outros autores chamados a contribuir no processo de construção do texto – inclusive no de Freud – como prova de que esse grau de originalidade é uma ilusão narcísica:

Todo texto se calca sobre uma série de referências bibliográficas que dão suporte à tematização do fato que ele propõe, isso porque nenhum objeto parece ser tão novo,

tão original, que ninguém nunca tenha dito nada sobre ele. Mesmo quando dele se propõe uma nova visão, uma nova concepção, essa se funda, nem que seja por oposição, em uma história que a antecedeu. É sempre em uma certa referência ao antigo, a uma determinada tradição do pensamento, que se podem propor apreensões mais ou menos originais do objeto (p. 176).

O confronto com os limites para a grandiosidade de nossa produção escrita se faz presente o tempo todo. Desse confronto, F. Rocha (1995) destaca uma vivência, para ele, intrínseca ao escrever: a angústia da perda. Dito de outra forma, é a necessidade de fazermos inúmeras escolhas que, ainda que vinculadas a ganhos, implicam igualmente renúncias e perdas. Seguimos dois caminhos: a angústia se dissipa no momento em que a produção deixa de ser imagem para se tornar caligrafia; ou são reativadas vivências de abandono, que conduzem a um estado de sofrimento. Se assim for, essa angústia torna-se obstáculo, conduzindo a uma paralisção.

A revisão feita nos últimos dias antes da entrega do trabalho – às vezes, no dia mesmo da entrega ou da apresentação – nos impõe esta realidade: sobram palavras repetidas e falta tempo; algumas ideias que ainda tínhamos não estão no papel, mas o calendário avisa que chegou o dia; falta um *link* melhor entre alguns parágrafos e o relógio nos obriga a sair. Haveremos de ler e reler muitas vezes antes de apresentar o texto a nossa plateia. A expressão “10% de inspiração e 90% de transpiração” cabe bem aqui. Ninguém senta e escreve simplesmente. Com sorte, podemos pensar que, quanto menos conflito tenhamos com a escrita, com mais tranquilidade a executaremos. Se conseguimos administrar bem a passagem do tempo desde o dia em que temos definida a data de entrega e a chegada deste dia propriamente dito, logramos o tempo necessário para um

refinamento, um burilamento do texto. Bastaria que tivéssemos “terminado” o texto uns quantos dias antes... Só isso...?

Para escrever bem, haveremos de aceitar uma lista de renúncias. Devemos aceitar a decepção narcísica de um texto mais simples do que pretendíamos; aceitar não redescobrir a roda, sequer reinventar a psicanálise; aceitar não sermos capazes de rastrear toda a literatura existente sobre o tema estudado; aceitar que outros autores seguirão conhecendo mais sobre o assunto que nós. Enfim, toda produção científica deixa para trás um rol de perdas, da ordem do narcisismo de quem escreve. Ainda que completemos o texto, sempre faltará algo. Entretanto, curiosamente, é a possibilidade de aceitar as renúncias necessariamente feitas que lhe conferirá qualidade. É assim que teremos em mãos um texto real com o qual trabalhar, não um produto idealizado e irrealizável.

Trabalho escrito e reescrito algumas vezes, resta-nos, quando chega um determinado ponto da escritura, aceitar, colocar o ponto final e entregar. Alguns não conseguem, pois que é difícil, é. Eu é que sei!

1.2. Uma condição de exposição

*Minhas intuições se tornam mais claras
ao esforço de transpô-las em palavras.*

*É neste sentido, pois,
que escrever é uma necessidade.*

*De um lado, porque escrever é um modo
de não mentir o sentimento . . . ;*

*de outro lado, escrevo pela incapacidade de entender
sem ser através do processo de escrever.*

Clarice Lispector



A escrita científica é um processo que, como o psicanalítico, nos faz primeiro circular por entre as fendas de nossas vivências e tirar do que nos movimenta a energia necessária que será matéria-prima do trabalho a ser realizado. Os mecanismos psíquicos e as configurações internas que se põem em cena são tão diferentes como intensos, porque a escrita psicanalítica não se limita a descrever, transcrever, copiar ou relatar. Ela é em si, uma vivência e, como tal, não poderia deixar de pôr em movimento intensos mecanismos para fazer frente a tudo o que será remexido em nossa estável estruturação psíquica. Assim, podemos descobrir a escrita psicanalítica, acima de tudo, como criação, invenção, descoberta e realização; e descobriremo-nos como autores capazes de pensar, escrever o que pensamos e assumir essa escrita. E aí deixar ganhar o mundo.

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-453-7



9 786555 106453 7



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

A escrita científica no divã

Entre as possibilidades e as dificuldades para com o escrever

Ana Cláudia Santos Meira

ISBN: 9786555064537

Páginas: 274

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2022
